



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2018  
ISSN 1887-4606  
Vol. 12(3) 494-507  
[www.dissoc.org](http://www.dissoc.org)

---

*Artigo*

---

**Gênero e corpo: uma análise do discurso sobre  
a transexualidade**

*Genre and body: a discursive analysis of  
transsexuality*

*Manuella Felicíssimo*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas  
Gerais/Betim (Brasil)

*Glaucia Muniz Proença Lara*

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

## Resumo

*Este artigo analisa “Encontrando Bianca”, um dos cinco vídeos que integravam o projeto “Escola sem Homofobia”, criado pelo governo federal em 2004 e vetado em 2011. O referido vídeo relata, em 1ª. pessoa, a transformação de José Ricardo em Bianca. À luz de algumas categorias da Semiótica Discursiva, tais como as relações entre sujeitos e entre estes e os objetos, as modalidades, os temas e as figuras, serão abordadas noções como corpo, sexualidade, gênero social e identidade, a fim de que seja possível apreender os mecanismos que engendram a rede de significações que cercam a questão da transgeneridade. Os resultados da análise apontam para um contradiscurso, que confronta o padrão de heteronormatividade vigente na sociedade, na medida em que legitima a ruptura de José Ricardo/Bianca com o sistema de símbolos da masculinidade e sua conjunção com os valores do universo feminino, inaugurando, assim, um novo paradigma para a identidade de gênero.*

**Palavras-chave:** análise do discurso – transexualidade – homofobia.

## Abstract

*This paper analyzes “Encontrando Bianca” (“Meeting Bianca”), one of the five videos included in the project “Escolasemhomofobia” (“School without homophobia”), created by the Federal government in 2004 and vetoed in 2011. The video reports, in the 1<sup>st</sup> person, the transformation of the male José Ricardo in the female Bianca. In the light of some categories borrowed from French Semiotics, such as the relations among individuals and between them and the objects, modalities, themes and figures, notions such as body, sexuality, social gender and identity are discussed, so as to grasp the mechanisms that generate the meaning network related to the issue of transgenerity. The results of the analysis reveals a counter-discourse, which faces the pattern of heteronormativity that prevails in society, in so far as it legitimizes José Ricardo/Bianca’s rupture with the masculinesymbology system and his (her) conjunction with the values of the female universe, thus starting a new paradigm for gender identity.*

**Keywords:** discourse analysis – transsexuality – homophobia

## Introdução<sup>1</sup>

Falar em corpo implica considerar não apenas o corpo biológico, mas também o corpo que se inscreve numa ordem discursiva. Enquadrado numa rígida normatividade, que estabelece padrões comportamentais, estéticos e éticos, o corpo se torna, assim, um lugar de significação.

A primeira norma imposta ao corpo é a do sexo biológico, que se atrela a expectativas em relação à performance de gênero dos indivíduos, determinando-lhes a identidade civil e estabelecendo também a sexualidade, a gestualidade e a afetividade “corretas”. Por trás desse conjunto de princípios normativos, encontra-se um domínio ideológico responsável pelo estabelecimento daquilo que se toma como normalidade.

A ideologia que regula as relações de gênero a partir do “determinismo” do sexo biológico – a chamada heteronormatividade – estabelece o comportamento heterossexual como a única forma legítima de vivência da identidade, da afetividade e da sexualidade. É ela que prescreve os papéis sociais e sexuais que convêm aos sujeitos, inscrevendo-os em práticas “legítimas” e “normais” em relação às performances de gênero. Isso mostra que o gênero é, antes de tudo, uma construção social; masculinidade e feminilidade são sentidos construídos e manifestados no/pelo discurso, sentidos esses atrelados aos valores, comportamentos e paradigmas que cercaram essas noções ao longo da história.

Diante desse contexto, torna-se relevante submeter as noções de gênero, corpo e sexualidade a uma análise discursiva. Isso é feito, neste artigo, por meio da temática da transexualidade, tomando-se como objeto o vídeo “Encontrando Bianca”, uma das cinco produções audiovisuais (entre outros materiais) criadas para atender ao projeto “Escola sem homofobia”, idealizado em 2004, com o apoio do Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD). Destinado a seis mil escolas do ensino médio, esse projeto teve como principais objetivos a promoção da educação para a diversidade sexual e o combate à homofobia no ambiente escolar. Em 2011, no entanto, foi vetado pela então Presidente Dilma Rousseff, que, ao que tudo indica, acabou cedendo a pressões advindas dos setores mais conservadores da sociedade e, particularmente, do Congresso Nacional<sup>2</sup>.

Para a análise, serão utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Semiótica Discursiva (Francesa), focalizando-se, especialmente, os níveis narrativo e discursivo do *percurso gerativo de sentido*, dispositivo que simula a produção e a interpretação do conteúdo de um texto.

Assim, no nível narrativo, serão examinados os contratos que subjazem às relações que os sujeitos mantêm entre si e com os objetos (que podem ser desejados, rejeitados, proibidos etc.). Isso levará ao exame das

modalidades (*dever, querer, saber e poderfazer* ou *ser*) e permitirá compreender de que forma(s) os “estados de coisas” e os “estados de alma” dos sujeitos são alterados e por quê. Já no nível discursivo, serão identificadas as figuras (elementos mais concretos), bem como os temas (elementos mais abstratos) que “iluminam” as figuras, conferindo-lhes sentido. Serão analisadas também as categorias de pessoa e de tempo que a enunciação projeta no enunciado. Por meio desses elementos, pretende-se apreender os mecanismos que engendram a rede de significações em torno do tema maior da transgeneridade e dos valores a ele relacionados.

### **Bianca: corpo, identidade e gênero**

“Encontrando Bianca” é um vídeo de 4min., narrado em 1ª. pessoa, que relata os desafios inerentes ao processo de identificação do garoto José Ricardo com os valores do universo feminino, a partir do momento em que ele se reconhece e se assume como Bianca.

Logo no início do vídeo, a tela é tomada por uma cédula de identidade, e a câmera focaliza o rosto de um indivíduo do sexo masculino. Na sequência, a imagem vai sofrendo alterações. Lentamente o rosto assume características mais femininas: as sobrancelhas ficam mais finas e arqueadas, os olhos, mais destacados e a boca, levemente avermelhada. Uma voz em *off* – a da própria personagem – é inserida: trata-se do momento em que a narradora-protagonista começa a falar de si, a contar sua história, projetando-se como um *eu* no texto-enunciado.

Cabe destacar que o modo como a cédula é enquadrada, ocupando estaticamente toda a tela, faz com que o objeto pareça real e frio. Quando o plano se torna mais dinâmico, transformando a imagem do rosto, a objetividade é rompida, construindo-se, metaforicamente, um sentido de progressão temporal que indica a transformação vivida pelo sujeito cuja imagem encontra-se estampada na cédula de identidade.

Um novo plano se abre. Nele, a câmera, num enquadramento fechado, mostra um pé sobre uma bola. Trata-se, como é possível constatar logo a seguir, de um jogo de futebol em curso. Na arquibancada, alguns jovens assistem à partida. Um deles é Bianca, cuja voz assume a narrativa:

(1) Quando eu nasci, meu pai e minha mãe me deram o nome de José Ricardo. É o nome de um grande jogador de futebol, artilheiro em um campeonato que eu não me lembro qual. E o sonho do meu pai era que eu fosse jogador de futebol. Eu jogava bem, sabia driblar, mas era complicado que, quando eu errava um lance, sempre sobrava uma piadinha a mais pra mim. Não tinha jeito. Eu continuo gostando de futebol, mas hoje prefiro ficar na torcida, adoro assistir uma partida bem jogada.

Nesse trecho, destaca-se a temporalidade. Já de início, o advérbio *quando*, acompanhado de “nasci”, indica que a circunstância de tempo é anterior ao momento da fala. Assim, a narradora-protagonista enuncia no tempo presente (no hoje), referindo-se, no entanto, ao seu passado (ao então).

Ao falar do seu nascimento, Bianca apresenta o nome com o qual foi batizada, José Ricardo, nome de um famoso jogador de futebol. Isso mostra que, no ato mesmo de nomear, o pai revela uma expectativa em relação ao filho: a de que ele se inscreva no universo de valores referentes àquilo que é usualmente chamado de masculino. A figura do jogador de futebol recobre, portanto, o tema da masculinidade, indicando que, no nível narrativo, o sujeito filho é modalizado por um dever-fazer (prescrição) em relação à performance masculina.

Além disso, o tema da masculinidade, quando recoberto pela figura do jogador de futebol, assume valores socialmente reconhecidos, como o sucesso e o prestígio. Essa leitura é reforçada quando se observa que o nome escolhido pelo pai é o de um jogador emblemático: o artilheiro de um campeonato, ou seja, aquele que mais gols faz numa competição, remetendo, pois, ao percurso temático-figurativo do poder<sup>3</sup>. Esse desenho semiótico põe em evidência a grande expectativa social (e passional) que o pai cria em relação ao filho, delegando-lhe não apenas uma identidade de gênero (masculina), mas também almejando da parte dele uma performance específica ligada ao *status* e ao poder.

Essa forma de representar a masculinidade relaciona-se, de modo bastante estreito, com a história da construção de gênero. É por meio dela que se verifica como a figura masculina foi sendo engendrada a partir de atributos como força, virilidade, racionalidade e poder. Cumpre destacar também que a masculinidade se constitui como aquilo que é oposto à feminilidade, ou seja, o sujeito masculino deve rejeitar qualquer performatividade que possa ser associada ao *ser* feminino.

A fala da narradora-protagonista (Bianca) permite reconhecer que José Ricardo se mostrava um sujeito competente para a performance de jogar futebol (tinha um bom desempenho e sabia driblar). Mesmo assim, parecia destoar do grupo, uma vez que, quando errava, *sobrava uma piadinha mais*. Assim, José Ricardo sabia, mas não podia jogar futebol porque, em alguma medida, não atendia às expectativas dos colegas. O trecho 2, a seguir, já apresenta a transformação vivenciada pelo sujeito:

(2) Eu me lembro do primeiro dia em que fui à escola de unhas pintadas de vermelho. Zoaram tanto comigo que eu não fui à escola no dia seguinte (...) Mas não tinha como, aquelas roupas de menino, aquele cabelo, não tinham nada a ver comigo. Me sinto bem assim como sou hoje, sendo chamada pelo nome da minha atriz preferida, Bianca. Quem me vê hoje, pode achar que tudo foi fácil, mas não foi não, sofri muito preconceito (...). Meu pai e minha mãe ficaram sem falar comigo

quase um ano. Demorou um pouco, mas acabaram entendendo que eu me sentia mulher e que continuava sendo a filha deles, sendo a Bianca.

Esse trecho permite apreender o processo de identificação do sujeito José Ricardo (Bianca, no tempo presente) com o gênero feminino. Ele(a) pinta as unhas de vermelho e se mostra descontente com *aquele cabelo e com aquelas roupas de menino*. O uso dos pronomes demonstrativos *aquele, aquelas*, que apontam para a distância que o sujeito estabelece na sua relação com os objetos designativos da masculinidade, revelam um claro afastamento identitário e também afetivo. Tais objetos tornam-se, desse modo, anti-objetos dos quais o sujeito deseja disjuntar-se. A figura *unhas vermelhas*, que recobre o tema da feminilidade, aponta, ao contrário, para o universo de valores femininos que se torna um objeto de valor (Ov) desejável.

O trecho (2), como foi dito, descreve a transformação da personagem que, nesse momento, o espectador já sabe tratar-se de uma jovem de cabelos negros e compridos, que se veste, se porta e se identifica como mulher. O fato de Bianca eleger para si o nome de sua atriz preferida revela o valor passional inerente à construção identitária: o ídolo desperta, no mínimo, as paixões da admiração e da afeição, fato que, no discurso em questão, revela o caráter subjetivo da identidade de gênero. Nesse ponto da narrativa, a identidade não se dá mais pela via da obrigatoriedade (dever-ser/ dever-fazer), inscrevendo-se, ao contrário, na ordem do desejo (querer-ser/querer-fazer).

No âmbito das estruturas narrativas, destacam-se alguns enunciados que permitem compreender melhor como se dá a relação do sujeito com o Ov. Em *Quando eu nasci meus pais me deram o nome de José Ricardo*, há um enunciado de estado em que se estabelece uma relação de conjunção entre o sujeito José Ricardo e o objeto identidade masculina. O objeto, como afirma Barros (2006, p. 22), é uma “casa vazia que recebe investimentos de projetos e de determinações do sujeito”. É isso que faz dele um objeto de valor.

No enunciado em questão, esse Ov é preenchido pelos valores correspondentes à expectativa do pai de José Ricardo, que deseja um filho identificado com o universo masculino. Em *Eu me lembro do primeiro dia em que fui à escola de unhas pintadas de vermelho (...) Mas não tinha como, aquelas roupas de menino, aquele cabelo, não tinham nada a ver comigo*, fica clara a passagem do sujeito de um estado para outro, mostrando, assim, uma transformação: o processo de aquisição de características femininas e de minimização/exclusão das masculinas. Os valores inscritos no objeto identidade masculina são, pois, renegados pelo sujeito Bianca, que se “filia” à identidade de gênero feminina, passando a

um novo enunciado de estado: *Me sinto bem assim como sou hoje, sendo chamada pelo nome da minha atriz preferida, Bianca*. Torna-se, desse modo, um sujeito realizado, conjunto com o Ov desejado, o que lhe permite vivenciar o exercício da feminilidade.

A performance do sujeito Bianca, porém, é sancionada negativamente pelos destinatadores-julgadores da sociedade heteronormativa, no caso, a família e a instituição escolar. São eles que cotejam a performance de Bianca com o sistema de valores do destinador-manipulador e, dada a não conformidade entre uma e outro, passam a ignorá-la e hostilizá-la. Isso ocorre porque, do ponto de vista da heteronormatividade, Bianca rompe com o contrato imposto: sua performance identitária não corresponde à perspectiva ideologicamente naturalizada que relaciona sexo biológico e identidade de gênero, como foi dito na Introdução. No próximo momento da narrativa, é possível verificar como isso ocorre:

(3) Eu deveria usar o banheiro feminino, mas geralmente não me deixam, por que não? Se eu me sinto mulher. Aliás, esse lance de banheiro já deveria estar superado. Às vezes não me chamam de Bianca, apesar de saberem que eu quero ser tratada assim. Me tratam pelo nome que está no diário de classe (...) Mas alguns professores e professoras já entenderam que eu sou Bianca. Eu sou diferente da maioria, mas pensando bem, todo mundo é diferente de todo mundo, cada um tem seu jeito, seus gostos, cada um tem uma maneira diferente de viver a vida.

No fragmento (3), as figuras do banheiro masculino e feminino aparecem revestindo o tema do regimento social de gênero, numa clara representação das formas de controle estabelecidas pela sociedade para determinar os lugares próprios dos sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino. Assim, mesmo que Bianca apresente uma estética e uma performance femininas, ela ainda é proibida de usar o banheiro feminino, pois, de acordo com o destinador (a sociedade heteronormativa), a identidade da personagem não é legítima: há uma divergência entre o sexo biológico e a(s) performance(s) realizada(s) por ela. Observando-se o nome pelo qual Bianca é tratada, percebe-se mais uma forma de controle social de gênero: quando certos professores insistem em chamar Bianca pelo seu nome de batismo, eles se negam a conferir legitimidade à identidade feminina que ela adotou. Acabam, assim, cerceando a individualidade e a identidade de Bianca, atrelando-a ao sexo biológico e negando a sua subjetividade. Segue a última transcrição do vídeo:

(4) Eu gosto de estudar e sou boa aluna (...) Mas tem dias em que vir para a escola é um castigo, tem horas que eu fico com medo de ser agredida; uma vez quase me bateram, diziam que gente como eu não deveriam estar aqui (...) Eu quero me formar e poder trabalhar, eu quero ser professora, mas como vou conseguir ensinar os outros se eu não estudar? Tem muita gente que me apoia aqui na escola (...) e são

essas pessoas que me ajudam a ter a força de continuar estudando, de continuar vivendo a minha vida do jeito que eu quero, respeitando e lutando para ser respeitada, sendo quem eu sou, Bianca, é Bianca!

Percebe-se, nesse excerto, a forma como o sujeito constrói uma imagem positiva de si no que se refere à instituição escolar. Quando Bianca diz que gosta de estudar e que é boa aluna, ela comprova que corresponde às expectativas da escola e, conseqüentemente, às da própria sociedade. No entanto, essa performance bem sucedida não impede o enfrentamento de problemas. Figuras como “castigo”, “agredir” e “bater” configuram o percurso temático-figurativo da hostilidade e apontam para o tema maior da homofobia, que, no nível narrativo, manifesta-se pelo programa narrativo (PN) de sanção.

No enunciado *dizem que gente como eu não deveria estar aqui*, é possível verificar dois aspectos discursivos importantes: 1) a marca da impessoalidade, por meio do sujeito indeterminado *eles*, que oculta a responsabilidade da escola e cria um efeito de sentido de generalidade; 2) a referência *gente como eu*, que evidencia a diferença estabelecida entre Bianca e os demais sujeitos, realçando a singularidade da personagem no contexto escolar, singularidade essa que resulta na sua rejeição/exclusão. Disso decorre o medo vivenciado por Bianca como correlato das “paixões” da repulsa e da reprovação manifestadas pelos sujeitos “normais” com os quais ela convive naquele ambiente.

Por meio do quadro narrativo-discursivo apresentado surge o tema da interdição: Bianca é proibida de usar o banheiro feminino, e o espaço da escola lhe é interdito (ela não deveria estar ali), o que remete a um sujeito modalizado pelo dever-não-fazer. Materializa-se, no discurso, a representação do poder disciplinar (Foucault, 1998), evidenciando as formas de cerceamento que agem sobre os indivíduos, na medida em que controlam os lugares, os corpos, as performances etc.

### **Um novo paradigma para a identidade de gênero?**

A passagem do sujeito de estado da disjunção para a conjunção com a identidade de gênero feminina pode ser percebida, no nível discursivo, por meio de dois percursos temático-figurativos (maiores) opostos entre si: o da masculinidade e o da feminilidade. As figuras que constituem esses percursos remetem ao campo semântico do corpo; são as unhas, os cabelos e as roupas, o que permite verificar que a construção da identidade se mostra, nesse caso, atrelada à construção do corpo.

No discurso em análise, a identidade de gênero é construída a partir de duas concepções diferentes que polemizam entre si: de um lado, aquela que

é condizente com os valores da heteronormatividade; de outro, a que concebe o gênero como uma construção social e histórica que produz efeitos sobre os corpos e sobre as subjetividades (Bento, 2006, p.78). A partir dessa última perspectiva, assume-se que a identidade de gênero não é naturalmente condicionada pelo sexo biológico, com muitos tendem a acreditar. Essa “naturalidade” é um efeito de sentido discursivo construído ao longo de uma história cujo principal narrador e protagonista é o próprio homem.

Por isso, a identidade não pode ser vista estritamente como um determinismo biológico, mas como um amálgama que abrange valores sociais, históricos e culturais que mantêm uma relação dialógica com a construção da subjetividade. É a partir dessa última perspectiva que a narrativa se constrói, já que o vídeo assume como legítima a performance de Bianca.

Destaca-se aqui a forma como o enredo favorece a emergência da temática da subjetividade: trata-se de um texto assumido por uma narradora-protagonista que, como tal, conta a sua própria história, as memórias do seu processo de identificação com o gênero feminino. Isso pode ser relacionado ao que Machado e Lessa (2013) chamam de “narrativa de vida”, ou seja, um relato em que o *eu* que fala, na presente instância da enunciação (a do *aqui/agora*), (re)cria, a partir de certos acontecimentos que protagonizou, um *outro* (aquele do *lá/então*), dando, assim, via linguagem, um melhor contorno a suas experiências de vida. Nessa perspectiva, há um deslizamento da *personagem*, como se o sujeito construísse uma nova versão de si.

Tal forma de configuração do texto é relevante para que se possa apreender a orientação de sentido que lhe é dada. Esse sentido leva ao paradigma ideológico que rompe, afinal, com o determinismo biológico, concebendo a identidade como algo que resulta da consciência do sujeito sobre si (subjetividade), e não apenas do papel social que lhe é atribuído (objetividade).

Examinando-se as modalidades veridictórias, articuladas em *servir parecer* (Greimas; Courtés, 1979, p. 488), pode-se afirmar que, da perspectiva heteronormativa, Bianca *parece* mulher, mas não o *é*, de fato, logo, ocorre uma *mentira* (parecer e não ser). Porém, considerando-se que o discurso em questão procura justamente construir uma imagem positiva da transexualidade, valorizando a performance de Bianca e a identidade (feminina) que ela assume, a leitura muda: Bianca *parece* mulher e “se sente” como tal (subjetividade), logo ela o *é*, fato que aponta para a *verdade* (ser e parecer mulher). A identidade, tal como é concebida neste artigo, é um processo que tem duas faces: a social e a individual. Conforme explica Maheirie (2002, p. 35), o indivíduo é corpo e é consciência, não podendo ser

reduzido a uma dessas dimensões. O corpo, elemento objetivo, é afetado pela consciência, elemento subjetivo.

Ultrapassando sua essência biológica, o corpo configura-se como uma das formas de que o sujeito dispõe para construir a si mesmo e expressar-se no mundo. No caso das identidades trans, ele se torna também um território de luta e um símbolo de conquista. Existe um processo de ajuste e controle do corpo para adequá-lo à identidade de gênero desejada, haja vista os tratamentos hormonais, as cirurgias, a alteração da voz, a gestualidade, as roupas etc. A conquista de um corpo que comunique a subjetividade é, pois, peça fundamental na construção da identidade trans. Entretanto, é possível observar que, mesmo em se tratando de um processo que rompe com os pressupostos da heteronormatividade, a busca do corpo feminino pelas pessoas trans ainda caminha, de certa forma, na direção de um enquadramento: a busca do corpo “perfeito”, indiscutivelmente feminino. O resultado disso é, com frequência, a hiper-feminilidade e a super-sensualidade, como propõe Garcia (2009). O uso dos prefixos hiper e super, que denotam excesso, demonstra claramente uma avaliação em relação à performance dos/das trans, considerada, já nesses termos, desviante.

Assim, mesmo na luta para adaptar-se àquilo que seria o *ser* feminino, as identidades trans continuam sendo vistas como destoantes, fora da norma. Isso porque, embora o corpo seja disciplinado para expressar determinada identidade, compatível com aquela desejada pelo sujeito, ele não se ajusta à sociedade, que resiste em tê-lo como aceitável, por considerar que se trata de um corpo que extrapola os limites estabelecidos pela natureza.

Essa exclusão fica mais evidente quando se constata que o corpo trans, notoriamente o feminino, é o corpo *sempre-sexualizado*. As trans, na sua performance fora do padrão, são geralmente vistas como femininas demais, sexualizadas demais. Ao se tornarem o corpo *sempre-sexualizado*, são imediatamente objetificadas, o que reflete, mais uma vez, a supremacia da dominação masculina na construção da identidade feminina.

Esse quadro aponta necessariamente para o centro da questão das relações de gênero, que é o fato de a sociedade estar “naturalmente” assentada numa perspectiva binária (feminino e masculino):

Essa concepção binária dos gêneros reproduz o pensamento moderno para os sujeitos universais, atribuindo-lhes determinadas características, que, supõe-se, sejam compartilhadas por todos. O corpo aqui é pensado como naturalmente dimórfico, como uma folha em branco, esperando o carimbo da cultura, que por meio de uma série de significados culturais, assume o gênero. (Bento, 2006, p. 71)

Embora essa realidade pareça natural, é imprescindível reconhecer que ela oculta a legitimidade de toda forma de relação de poder que se estabelece entre esses dois papéis sociais. O fato de os sujeitos se dividirem

em pares opostos, como se o sexo biológico os programasse genética e fisiologicamente para assumir determinadas características – não apenas físicas, mas também sociais e psíquicas –, faz com que se oculte a rígida hierarquia que se apoia na existência desses dois gêneros.

O corpo que deve comunicar a performance de gênero dita normal é regulado desde cedo. A escolha das roupas, o uso de acessórios, os objetos que cercam o indivíduo, as atividades que ele pratica, tudo isso impacta na construção do corpo. Assim, não há corpo livre de regulações e intervenções; ele sempre está sendo, em alguma medida, disciplinado, controlado, discursivizado. Ou, como afirma Bento (2006, p. 89): “Não existe corpo livre de investimentos discursivos, *in natura*. O corpo já nasce maculado pela cultura” (grifo do original).

A discussão sobre a transgeneridade mostra-se, portanto, como um caminho instigante para que se compreendam as relações de gênero, bem como o corpo e a sexualidade. Ao romper com os limites impostos pelo determinismo biológico, expressando-se através de um corpo que é conquistado cotidianamente, os/as trans mostram que as identidades não são fixas, que a estrutura binária construída historicamente não dá conta da diversidade das experiências humanas. Assim, por meio das identidades trans pode-se perceber que o corpo, mais do que algo dado pela natureza, torna-se, nas relações sociais, um lugar de disputa e exercício de poder, lugar de transgressão, de resistência, de conquista, mas também (ainda) lugar de controle e de punição.

## Conclusão

O presente artigo procurou demonstrar como ocorre a construção do discurso sobre a transgeneridade, analisando, a partir do quadro teórico-metodológico da Semiótica Discursiva, um vídeo que, ao abordar o tema, acaba por engendrar um contradiscurso.

Em “Encontrando Bianca”, verifica-se o estabelecimento inicial de um contrato tácito com o sujeito, atrelado ao seu nome de batismo (José Ricardo), o que instaura um dever-fazer relativo à performance de gênero masculina. O sujeito, porém, não aceita a manipulação inerente ao contrato, porque não se identifica com os valores nele inscritos. Assim, José Ricardo rompe com o sistema de símbolos da masculinidade, renegando “aquele cabelo” e “aquelas roupas”, para conjuntar-se com a identidade feminina, na medida em que se “transforma” em Bianca. Porém, a performance de Bianca é, com raras exceções, sancionada negativamente pelos destinadores-julgadores pais, professores, colegas (a quem a sociedade – destinador maior – delega o poder de agir em seu nome).

No nível discursivo, as figuras “bater”, “castigo”, “agredir” apontam para o percurso temático-figurativo da hostilidade para com aquele(a) que não se “encaixa” no padrão. Ressaltem-se ainda os “estados de alma” vivenciados pelos sujeitos pais/colegas/professores que revelam paixões negativas, tais como a reprovação, a decepção e a insatisfação. É daí que começa a emergir, no discurso, o tema da intolerância. Os sujeitos, enquanto destinatários-julgadores, creditam para si um poder-fazer mal ao outro (julgando e punindo o diferente), uma vez que encontram respaldo nos valores instituídos pela sociedade heteronormativa. Nesse contexto, Bianca, ao encarnar a identidade feminina, renegando o determinismo do sexo biológico na construção do gênero, torna-se um sujeito transgressor: ela *parece*, mas não *é* uma mulher, independentemente de se sentir como tal.

Num diálogo com a Análise do Discurso de linha francesa, pode-se afirmar que, mesmo diante da adaptação corporal, a identidade de Bianca não é ressignificada pelo outro, o que mostra o quanto a noção de gênero permanece atrelada a uma formação discursiva (FD)<sup>4</sup> biologizante, nutrida pelas FDs médica, psiquiátrica e até religiosa. Nessa perspectiva, o corpo, para ser legítimo, precisa encontrar o seu sentido alinhado aos saberes e crenças que derivam dessas FDs; do contrário, ele é rechaçado: torna-se feio, errado, anormal. A ordem do corpo é, portanto, a ordem dada pelo discurso, razão pela qual ele não pode ser visto como um objeto neutro ou puramente fisiológico.

## Notas

<sup>1</sup>Este artigo foi extraído da tese *Re(a)apresentações da homofobia e da homossexualidade: um estudo discursivo a partir de vídeos do Kit “Escola sem homofobia”*, que foi defendida, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos/UFMG, em 2014.

<sup>2</sup>O material do projeto “Escola sem homofobia” causou muita polêmica na sociedade, sendo logo apelidado pelas mídias de “Kit Gay”. Na Câmara dos Deputados gerou discursos inflamados, como o de Jair Bolsonaro (30/11/2010), que o qualificou como “um estímulo ao homossexualismo e à promiscuidade”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gNJKJLCPrT4>>. Acesso em: 02/02/2014.

<sup>3</sup>Os temas e as figuras chamam uns (umas) aos (às) outros(as), formando percursos, que podem ser apenas temáticos, caso de textos mais abstratos, como os científicos e os filosóficos, ou (temático)-figurativos, aqueles que são completamente recobertos por figuras (como o vídeo em análise), a que subjazem temas que lhes dão sentido.

<sup>4</sup>Por *formação discursiva*, entende-se, com base em Pêcheux e Fuchs (1990), um dispositivo que determina aquilo que pode e deve ser dito (e, conseqüentemente, aquilo que não pode/não deve ser dito) numa dada conjuntura. Por exemplo, no âmbito da FD religiosa, a homossexualidade é discursivizada como impureza, desvio de conduta, como pecado, enfim.

## Referências

- Barros, D. L. P. de. (2006).** *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática.
- Bento, B. (2006).** *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Foucault, M. (1984).** *História da sexualidade I. A vontade de saber*. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1998).** *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Felicíssimo, M.** *Re(a)apresentações da homofobia e da homossexualidade: um estudo discursivo a partir de vídeos do Kit “Escola sem homofobia”*. 2014. 299f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- García, F.V. 2009.** Del sexo dicotómico al sexo cromático. La subjetividad transgenérica y los límites del constructivismo. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 1, pp. 63-88. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/Article/10/122>. Acesso em 2 de fevereiro de 2018.
- Greimas, A. J.; Courtés, J. (1979).** *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix.
- Machado, I. L.; Lessa, C. H. (2013).** Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da análise do discurso. In: Jesus, S. N.; Silva, S. M. R. da (orgs.). *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João Editores, v. 1, pp. 102-122.
- Maheirie, K. (2002).** Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. In: *Interações*, v. VII, n. 13, pp. 31-44, jan-jun. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2017.
- Pêcheux, M.; Fuchs, C. (1990).** A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet, F; Hak, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP.

## Notas biográficas

	<p><b>Manuella Felicíssimo</b> possui doutorado em Estudos Linguísticos (Análise do Discurso) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG/<i>campus</i> Betim, atuando tanto no nível médio quanto no nível superior (graduação). Desenvolve pesquisa sobre o humor e as imagens do feminino.</p> <p><b>Email:</b> <a href="mailto:manuella.felicissimo@ifmg.edu.br">manuella.felicissimo@ifmg.edu.br</a></p>
	<p><b>Glaucia Muniz Proença Lara</b> tem doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde atua tanto na graduação quanto na pós-graduação (Mestrado e Doutorado) no domínio dos Estudos do Texto e do Discurso.</p> <p><b>E-mail:</b> <a href="mailto:gmplara@gmail.com">gmplara@gmail.com</a></p>